

UM ENSINO PARA MENINAS: pesquisa sobre o ensino de Nísia Floresta no Collegio Augusto no tempo do império

Késia Ramires¹

Enoque da Silva Reis²

Sidnei A. de Souza³

Otávio J. N. T. N. dos Santos⁴

Este texto apresenta apontamentos gerais referentes ao estudo que vem sendo realizado por membros do Grupo de Estudos e Pesquisa em Educação Matemática Escolar e o Grupo de Estudo e Pesquisa em História da Educação Matemática, sendo o primeiro, da região Centro-Oeste e, o segundo, da região Norte do Brasil. Em nossos estudos, temos investigado acerca de conhecimentos produzidos por agentes da educação, sejam professores/as, autores/as de livros didáticos, especialistas educacionais, entre outros, conhecimentos oriundos das experiências profissionais desses agentes. Esses conhecimentos, sistematizados pelos historiadores da educação matemática, podem se configurar como saberes profissionais da docência⁵ em matemática, passíveis de circulação e apropriação pelos sujeitos professores e pesquisadores do tempo presente.

Nossa intenção, como historiadores da educação matemática, é a de compreender como os saberes presentes no ensino de matemática e na formação de professores foram se transformando ao longo do tempo e, à medida que foram se assentando, constituindo uma matemática própria da docência em matemática. Dito de outro modo, buscamos por indícios

¹ Doutora em Educação para Ciência e Matemática (UEM). Professora Adjunta da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD), Dourados, Mato Grosso do Sul. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1528-5136>. E-mail: kesianeves@ufgd.edu.br

² Doutor em Educação Matemática (UFMS). Professor Adjunto da Universidade Federal de Rondônia (UNIR), Ji-Paraná, Rondônia, Brasil. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6631-9688>. E-mail: espoquer@hotmail.com

³ Doutor em Agronomia (UFGD). Professor Associado da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD), Dourados, Mato Grosso do Sul. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8414-1032>. E-mail: sidneisouza@ufgd.edu.br

⁴ Doutor em Matemática (UEM). Professor Associado da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS), Dourados, Mato Grosso do Sul. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6489-1496>. E-mail: ojneto@uems.br

⁵ Os termos, a seguir, serão usados como sinônimos: saberes profissionais da docência; saber(es) profissional(is) docente(s); saberes de referência para a docência.

históricos relacionados aos saberes envolvidos no contexto escolar e na formação de professores, em tese, aqueles que representam os saberes de referência para a docência em matemática, constituídos pela *articulação entre a formação de professores e o ensino* (escolar), uma *matemática do ensino* (Valente, 2020; Valente & Bertini, 2022).

Baseando-nos em Valente (2020) e em Chartier (2002), entendemos a matemática do ensino como um conjunto de representações de práticas pedagógicas e da *cultura escolar* (Julia, 2001) de diferentes períodos históricos, uma matemática concebida do processo histórico e epistemológico de profissionalização da docência em matemática, portanto, uma matemática que pode ser compreendida como um saber profissional do professor que ensina matemática. Conforme Valente (2020, p. 169), essa matemática “coloca em relação objeto e ferramenta, analisa as relações estabelecidas e suas mudanças entre formação e docência, entre o campo disciplinar matemático, as ciências da educação e o campo profissional do ensino”, considerando como objeto aquilo que o professor deve ensinar e, como ferramenta, aquilo que o professor se utiliza para ensinar.

Quando discutimos sobre a matemática do ensino, tomamos como hipótese que esta deriva da articulação entre a *matemática para ensinar* e a *matemática a ensinar* (Morais *et al.*, 2021), sendo a primeira lida como os saberes necessários ao professor para, por exemplo, planejar, executar, avaliar, calibrar, adequar e conduzir seu ofício da docência em matemática. A segunda, seria lida como os saberes que o professor deve ensinar, isto é, os conteúdos escolares, as estratégias de soluções de problemas, a terminologia adotada, os tipos de problemas etc., elementos similares aos que estão, por exemplo, sob consulta do professor em livros didáticos.

Ainda, sendo a matemática do ensino um resultado de articulações daquilo que está no ensino e na formação de professores, tem-se o envolvimento de diferentes agentes, os quais representam campos profissionais, ou científicos, de naturezas distintas. É compreensível que haja disputas entre esses agentes, por ocuparem “lugar de fala” que não têm (todos) objetivos comuns. Dessa forma, a noção de campo e de disputas de poder, discutidos pela sociologia da educação, segundo Bourdieu (2001), é importante para entendermos como vai se consolidando alguns elementos da matemática do ensino em detrimento de outros.

Por outro lado, se adotarmos a hipótese de que a matemática do ensino é derivada da

articulação entre aquilo que está posto para o ensino e a formação de professores – um produto daquilo que circulou na escola e nos espaços de formação de professores, foi testada nesses espaços, fez parte de uma dada cultura escolar – , que é sistematizada segundo registros de experiências docentes de agentes que fizeram parte da educação matemática de outros tempos, e que resulta de *disputas entre campos* distintos, quando não identificarmos a prova dessa articulação e do envolvimento desses campos a que nos referimos, com qual matemática estaríamos lidando? Que matemática seria a que está em documentos históricos, que se reflete em livros didáticos ou outros artefatos escolares, mas que diferente daquilo produzido para o ensino e a formação de professores e, por sua vez, também diferente daquilo discutido entre campos (de um dado período), que matemática seria essa?

Observamos que grupos de pesquisa vêm estudando sobre a matemática do ensino fundamentada em categorias que permitem caracterizá-la como um saber profissional, tais como: o conceito de campo, advindo da sociologia da educação (Bourdieu, 2001); o de profissionalização, notadamente da sociologia das profissões (Bourdoncle, 2000); o de *expert*, da história social da educação (Valente; Hofstetter, 2017); o de cultura escolar (Julia, 2001), da história cultural, dentre outros. Desse modo, uma matemática que não seja, analiticamente, fundamentada nesses parâmetros, seria que tipo de registro da história do ensino? Esse é um dos pontos que temos discutido entre os integrantes dos grupos citados anteriormente.

Para exemplificar, neste texto, esboçamos um caso emblemático, o da educação proposta por Nísia Floresta (1810 - 1885), uma mulher diferenciada para o seu tempo, que subverteu os pressupostos legais impostos para o ensino de meninas e defendeu uma formação escolar mais abrangente para elas. Temos, como hipótese, que a *educação nisiana* (Rosa, 2012) pode ter sido o contraponto às culturas escolares tradicionais da época do império, inclusive, sobre o ensino da matemática. Nossa hipótese leva em conta que o ensino oferecido no Collegio Augusto, fundado por Nísia, buscava aproximar o ensino para as meninas com aquele programado, oficialmente, para os meninos. Mas quem seria Nísia Floresta? E que ensino ela defendia e propunha?

Dionísia Gonçalves Pinto, foi uma educadora, jornalista e feminista que marchou em *defesa dos direitos das mulheres*, como afirmam Mendonça e Martins (2021). Foi uma das primeiras mulheres a ter acesso à Imprensa no século XIX, local por onde realizou sua

militância através de seus inscitos. Ficou conhecida pelo pseudônimo de Nísia Floresta Brasileira Augusta e seus feitos podem ser observados, também, quando Papary, a cidade brasileira em que nasceu, passou a se chamar Nísia Floresta, alterado, pela Lei estadual nº 146, de 23-12-1948.

Ao buscar documentos e obras que descrevem a trajetória de Nísia Floresta, é possível observar que, de 1810, ano do seu nascimento, até sua primeira viagem internacional, para a Europa, em 1949, Nísia já havia morado em diversos lugares no território brasileiro, a saber: no povoado de Papary no Rio Grande do Norte, em Goiana e Olinda, pertencentes a Província de Pernambuco, Porto Alegre e, também, no Rio de Janeiro.

Destaca-se, na sua trajetória, o ano de 1831, pois foi quando começou a escrever em uma imprensa dirigida somente por homens, mas que aceitava a escrita para as mulheres, no jornal *O Espelho das Brasileiras*, editado em Recife. Em 30 publicações, todas com Floresta como redatora, o periódico expunha as condições precárias das mulheres e defendia a instrução moral e cívica delas. No ano seguinte, em 1832, ela publicou seu primeiro livro.

Cabe ressaltar, que ao longo da história, muitas escritoras iniciaram suas carreiras literárias escrevendo para jornais e revistas e, no caso de Nísia Floresta não foi diferente. Entretanto, chama-nos a atenção a velocidade em que essa transição aconteceu, pois sua primeira obra, cujo título é “Direito das Mulheres e Injustiça dos homens”, foi publicada logo em seguida da sua inserção no jornal *O Espelho das Brasileiras*. A obra, inspirada no livro *Vindications of the Rights of Women*, de Mary Wolstonecraft (precursora feminista), aproxima-se do feminismo da Inglaterra. Nísia tinha apenas 22 anos de idade quando o escreveu, e foi o primeiro livro no Brasil a falar sobre a instrução da mulher.

Nísia Floresta foi a pioneira não só do feminismo no Brasil, mas também na literatura de autoria feminina no país. Para além disso, seus feitos ultrapassaram a escrita literária e adentrou o de cunho escolar. Em 1838, ela fundou, no Rio de Janeiro, um dos primeiros colégios exclusivos para meninas⁶, que recebeu o nome de Collegio Augusto. Nesse colégio, estavam previstas as mesmas aulas que os meninos recebiam, como matemática, português, história e outras línguas. Por esse motivo, foi acusada de querer igualar as mulheres aos homens, um atrevimento para a época. Neste local, ela formou muitas moças e, também, sua

⁶ A legislação brasileira previa escolas femininas desde 1827, contudo, o ensino era limitado à educação do lar.

filha, que veio a administrar o colégio quando Nísia faleceu na França, em 24 de abril de 1885.

Como professora, diretora e militante política em defesa da formação igualitária de meninas e meninos, denunciou em suas obras, como em *Opúsculo Humanitario*, a falta de direitos que sofriam as moças:

Povos do Brasil, que vos dizeis civilizados! Governo, que vos dizeis liberal! Onde está a doação mais importante dessa civilização, desse liberalismo? Temos já transposto metade do seculo XIX, seculo marcado pelo Eterno para nelle revelar ao homem estupendos segredos da sciencia tendentes a aplainar as grandes dificuldades, que se oppõe á universalidade do aperfeiçoamento das ideas, em ordem a fraternisar todos os povos da terra. Temos testemunhado o empenho dos homens pensadores das nações cultas em harmonisar a educação da mulher com o grandioso porvir que se prepara à humanidade! Nada porêem, ou quasi nada temos visto fazer-se para remover os obstaculos, que retardam os progressos da educação das nossas mulheres, a fim de que ellas possam vencer as trevas, que lhes obscurecem a intelligencia, e conhecer as doçuras infinitas da vida intellectual, a que tem direito as mulheres de uma nação livre e civilisada. (Augusta, 1853, pp. 42-43)

Sua pauta questionava o retardo do progresso da nação brasileira, sobre limitar as mulheres na sua intelectualidade e no acesso ao ensino em qualquer escola, denunciava programas de ensino inferiores para as meninas. Ela não descartava o aprendizado dos trabalhos domésticos, ou sobre costura ou outras atribuições imputadas às meninas/moças/mulheres, nem negava a educação moral. Porém, sua preocupação estava com a educação intelectual e moral, pretendendo uma formação escolar para as meninas em que as tornassem independentes para ocuparem qualquer lugar na sociedade. Para isso, ela propunha a leitura de bons livros e de estudos constantes, orientando suas educandas sobre isso até mesmo no período de férias:

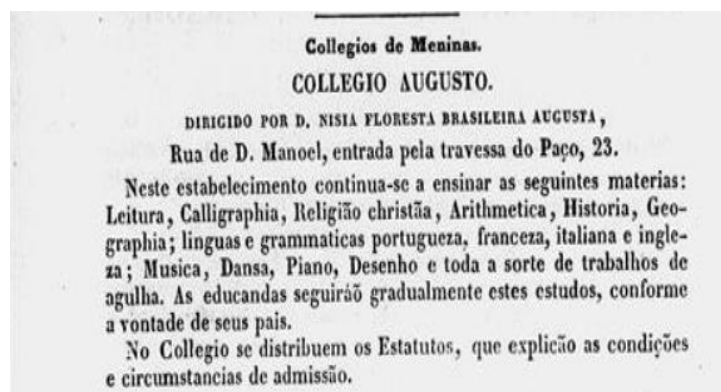
Figura 1 - Discurso de Nísia Floresta Brasileira Augusta às educandas do Collegio Augusto durante a formatura

Bem-dizei pois a Providencia, minhas filhas, que vos collocou n'esta situação favoravel; e não inutiliseis os esforços, que pela vossa educação se tem feito, deixando-vos de applicar ao estudo de bons livros nas horas vagas, que vos ficarem de um trabalho proveitoso, com o qual deveis procurar intreter o vosso espirito, a fim de que a ociosidade nao o venha assaltar com os seus terriveis effeitos, e tornal-o incapaz de uma virtude, pela qual chegareis ao apogêo da felicidade.

Fonte: *Discurso que a suas educandas dirigiu* (N. F. B. Augusta, 1847, p. 5)

No Collegio Augusto, temos investigado se os pontos a serem ensinados seriam os mesmos (ou quase os mesmos) daqueles ensinados no Colégio Pedro II, contemporâneo do Augusto. Consta, no Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial da Corte e Província do Rio de Janeiro, para o Ano de 1850, organizado e redigido por Eduardo Laemmert, edição Sétimo Ano, os pontos a serem estudados no Augusto:

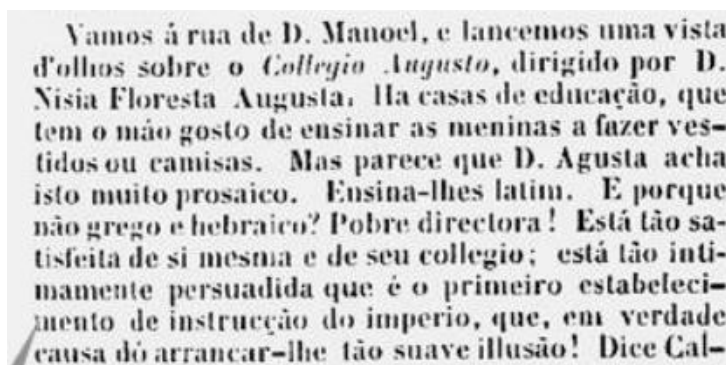
Figura 2 – Pontos do ensino oferecido no Collegio Augusto

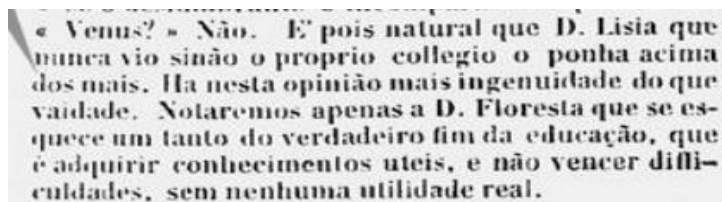


Fonte: Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial do Rio de Janeiro, (1850, p. 244)

Segundo Silva (2014), nesse colégio, havia ainda o estudo de cosmografia e poesia, transparecendo que dentre tantas rubricas defendidas pela professora e diretora Nísia, o trabalho com agulhas não demonstrava ser o principal. As publicações que os jornais faziam sobre o ensino priorizado nesse estabelecimento, denotam a forma como o enxergavam: “[...] trabalhos de língua não faltaram; os de agulha ficaram no escuro. Os maridos precisam de mulher que trabalhe mais e fale menos” (O Mercantil, 17/01/1847). Em outro fragmento do mesmo jornal, tem-se:

Figura 3 – Críticas sobre o Collegio Augusto





« Venus? » Não. É pois natural que D. Lísia que nunca viu sinão o proprio collegio o ponha acima dos mais. Ha nesta opinião mais ingenuidade do que vaidade. Notaremos apenas a D. Floresta que se esquece um tanto do verdadeiro fim da educação, que é adquirir conhecimentos uteis, e não vencer dificuldades, sem nenhuma utilidade real.

Fonte: O MERCANTIL (Minas Gerais, 17 de janeiro de 1847, p. 3)

O trecho ilustrado traz uma publicação do jornal **O Mercantil**⁷ (de Minas Gerais), mostrando algumas críticas que buscavam depreciar a educação ofertada no Augusto: “[...] D. Floresta que se esquece um tanto do verdadeiro fim da educação, que é o de adquirir conhecimentos úteis e não vencer dificuldades, sem nenhuma utilidade real” (O Mercantil, 17 de janeiro de 1847). Nota-se, que a proposta de Nísia, era a de romper com um ensino para os “conhecimentos úteis”, procurando ultrapassar as prescrições educacionais do seu tempo e trazer, às meninas, o ensino do latim. Tal feito, levou o autor da crítica a fazer uso do sarcasmo, escrevendo: “e por que não o grego e o hebraico?” e, ainda, diminuir Nísia Floresta a: “pobre directora” (O Mercantil, 1847, p. 3).

Esses indícios, como outros que ainda estamos examinando, podem nos fornecer mais elementos para analisar uma possível educação nisiana. Outros pesquisadores, ao investigarem escolas e o ensino para meninas, do mesmo período histórico de Nísia, também podem apontar indícios semelhantes à essa educação. Um conjunto de resultados, nesse sentido, seriam fortes candidatos a se mostrarem como saberes de referência da docência em matemática. Mas que denominação daríamos a essa matemática que não atende as mesmas condições que fundamentam a matemática do ensino?

Assim, voltando à nossa hipótese, questionamos a educação nisiana, ou a “cultura escolar nisiana”: que matemática estava proposta para ensinar as meninas no Collegio Augusto? Será que podemos falar de uma matemática do ensino para ensinar meninas considerando o exemplo da educação nisiana? Personagens como Nísia podem apontar para uma produção de experiências docentes que nos levam a problematizar uma matemática a ensinar e uma matemática para ensinar? Ou será que as categorias teóricas para um caso específico como este ainda está por se definir? Para finalizar, lembramos que as proposições existentes, neste texto, estão sob análise de um projeto guarda-chuva em fase inicial e,

⁷ Até o presente momento, não encontramos o motivo de um jornal, que circulava em Minas, ter publicado algo sobre o Collegio Augusto, que foi do Rio de Janeiro.

portanto, não se refletem conclusivas. Entendemos o espaço do Seminário Temático como propício para a ampliação de nossas discussões junto a outros pesquisadores.

AGRADECIMENTOS

O presente trabalho tem o apoio da Fundação de Apoio ao Desenvolvimento do Ensino, Ciência e Tecnologia do Estado de Mato Grosso do Sul – Fundect – e com o apoio das universidades dos autores.

REFERÊNCIAS

- AUGUSTA, B. **Opúsculo Humanitário**. Rio de Janeiro: Typographia de M. A. Silva Lima, 1853.
- BOURDIEU, P. **Science de la Science et réflexivité**. Paris: Raisons D’Agir Éditions, 2001.
- BOURDONCLE, R. Profissionalisation, formes et dispositifs. In: Marguerite Altet & Raymond Bourdoncle. **Recherche & Formation**, 35, p. 117-132, 2000.
- CHARTIER, R. **A história cultural: entre práticas e representações**. Lisboa: Difel, 2002.
- CHERVEL, A. História das disciplinas escolares: reflexões sobre um campo de pesquisa. **Teoria & Educação**, 2, p. 177-229, 1990.
- JULIA, D. A cultura escolar como objeto histórico. **Revista Brasileira de História da Educação**, 1, p. 9-38, 2001.
- MENDONÇA, A.; MARTINS, L. Nísia Floresta e o Pioneirismo “Invisível” do Feminismo Brasileiro. **Revista Interinstitucional Artes de Educar**. Rio de Janeiro, v. 7, n. 2, p. 821-838 maio/2021.
- ALMANAK ADMINISTRATIVO, MERCANTIL E INDUSTRIAL DO RIO DE JANEIRO. Organizado e Redigido por Eduardo Laemmert, 7. ed. Rio de Janeiro: Casa dos Editores Proprietários, 1850. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=313394x&pagfis=3403>. Acessado em: 14/05/2023.
- MORAIS, R. S. *et al.* **A matemática do ensino de frações: do século XIX à BNCC**. São Paulo: Editora Livraria da Física, 2021.
- PINTO, D. G. **Discurso que às suas educandas dirigiu Nísia Floresta**. Rio de Janeiro, RJ: Tipografia Imparcial de Francisco de Paula Brito, 1847.
- O MERCANTIL. 17. ed. Província de Minas: Rua da Quitanda, Nº 13, 17 de janeiro de 1847. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/docreader/DocReader.aspx?bib=228133&pagfis=3467> Acessado em: 03/03/2024.
- ROSA, G. R. **Transgressão e moralidade na formação de uma “matrona esclarecida”**: contradições na Filosofia de Educação nisiana. (Tese em Educação). Universidade Vale do Rio Sinos. São Leopoldo, RS, 2012.
- SILVA, E. M. **Mulheres, emancipai-vos!** Um estudo sobre o pensamento pedagógico feminista de Nísia Floresta. (Dissertação em Educação Contemporânea). Universidade Federal de Pernambuco. Caruaru, 2014.
- VALENTE, W. R. História e cultura em educação matemática: a produção da matemática do ensino. **REMATEC**, [S. l.], 15(36), p. 164–174, 2020.
- VALENTE, W. R.; BERTINI, L. F. Sobre a matemática do ensino como objeto teórico de pesquisa. In Wagner Rodrigues Valente e Luciane de Fatima Bertini (Org.). **A matemática do ensino: por uma história do saber profissional, 1870-1960** (pp. 19-30, 1 ed.). São Paulo: UNIFESP, 2022.
- VALENTE, W. R.; HOFSTETTER, R.(Orgs.). **Saberes em (trans)formação: tema central da formação de professores**. São Paulo: Livraria da Física, 2017.